

Caixa d'água traz risco

Na opinião do professor Geraldo Boaventura, coordenador do Laboratório de Geoquímica da Universidade de Brasília (UnB), é muito cedo para se dizer que a água é responsável pelas três mortes ocorridas em São Sebastião e Paranoá. "Nesse caso, o número de pessoas com problemas seria muito superior", argumenta.

Ele coordenou uma equipe que coletou, entre março e abril, 40 amostras de água distribuída pela Caesb em dez pontos de Taguatinga e Sobradinho para testes de qualidade. Depois da verificação de parâmetros físico-químicos e de elementos indicadores de contaminação do material distribuído pela companhia, o professor atestou a qualidade da água da Caesb.

"Encontramos problemas apenas depois do armazenamento em caixas d'água", revela o professor. Segundo ele, em aproximadamente 20% das amostras foram verificadas algumas alterações. "Mesmo assim, em todos os casos, a água mantinha condições

apropriadas para consumo", afirma Boaventura. "Dessa forma, é muito importante a limpeza correta dos recipientes (veja quadro acima)", aconselha.

Segundo a superintendente Industrial da Caesb, Tânia Baylão, o ideal é a limpeza da caixa d'água a cada seis meses. Além disso, a manutenção do recipiente bem coberto é importante para evitar a contaminação com resíduos sólidos como poeira, por exemplo.

"O problema é que, em São Sebastião, o lençol freático está muito próximo da superfície, o que favorece a construção de cisternas, que são muito comuns na cidade", comenta a superintendente. Segundo ela, a grande quantidade de chuvas desde o início do ano favoreceu o aumento de água nas cisternas, o que pode ter facilitado a contaminação.

Para o consumo, a água retirada de cacimbas deve passar por processo de desinfecção com uma série de agentes químicos. "Em muitos casos, a simples fervura pode não ser suficiente", comenta Tânia.